

ESSA TAL DA CENOPOESIA

*Eu quero dizer
Poesia a céu aberto
Sem me preocupar
Se é errado ou certo
Poematizar, poematizar
E não só problematizar o universo.*

Junio Santos

Mas o que é essa tal Cenopoesia?

O cenopoeta Ray Lima assim a apresenta em seu livro “Pelos Ordens do Rei que pede Socorro”,

A cenopoesia caracteriza-se como uma linguagem que se articula com outras para ganhar diversidade e dar força ao discurso e sua capacidade de expressão. Enquanto o teatro se encarrega da ação e dos gestos, a poesia traz em si a carga da dramaticidade – densidade e síntese – que o teatro necessita.

Diante disso, para O Buraco d'Oráculo se fez necessário compreender o que é Cenopoesia. Encontramos muitas respostas. Levantamos hipóteses sobre nosso fazer na busca por defini-la e ao invés de uma única ideia afirmativa, chegamos a uma conjectura que nos acolhe: A Cenopoesia é um processo artístico/ criativo, vivenciado em grupo, que considera a experiência histórica de cada participante e busca, neles, mudanças nas relações sociais.

Essa hipótese nos orientou até o final dos processos de trabalhos e nos ajudou na preparação técnica: investigação de corpo que serve a esta prática; estudos vocais; estudos teóricos que fortalecem o diálogo entre teatro e Cenopoesia; ajudou a identificar o discurso a ser levado à cena.

Esta aprendizagem criou o corpo poético da cena. Foi com base nesses apontamentos que O Buraco d'Oráculo produziu um Roteiro Cenopoético que inspirou o espetáculo “Pelos Ordens do Rei Que Pede Socorro”.

Associamos a Cenopoesia a outras artes e mais a educação. O Teatro do Oprimido, poética do teatrólogo Augusto Boal, considera o teatro uma arma de libertação, sendo, para isso, necessário criar as formas teatrais correspondentes (BOAL, 2013). Identificamos, principalmente no Teatro Imagem, possibilidades de jogo com a Cenopoesia para criação de cenas a serem apresentadas na rua, nelas a imagem precisa ser potente e fisgar o

cidadão para dentro do espetáculo espontaneamente. Em se tratando de forma libertária, na Cenopoesia há relações com a pedagogia do oprimido de Paulo Freire que apresenta troca dialógica do conhecimento: ambas apostam no repertório humano de conhecimento que cada indivíduo carrega em si.

Estabelecido nosso caminho ético e estético, nos perguntamos a quem serviria essa prática e como inspirar novos cenopoetas. Além do próprio O Buraco d'Oráculo, enquanto objeto ativo e reflexivo dessa hipótese Cenopoesia, realizamos trocas artísticas com seis coletivos que possuem propostas estéticas diferentes no trato teatral. Considerando os territórios de atuação de cada um deles, locais onde vivenciamos propostas como cenopoetas arranjadores, olhamos para cada qual de modo singular. Essa experiência bastou como desafio para O Buraco d'Oráculo lançar-se ao abismo: definir o que não cabe uma definição; registrar o efêmero; registrar o vivido, o que não pode ser repetido. No entanto, algo se materializou e presentificou para que esta prática, a Cenopoesia, acontecesse: o Afeto.

Acolhemos a Cenopoesia com o comprometimento de aprender a lidar com uma linguagem que atua no campo do afeto e amorosidade. Ela revitaliza objetivos para a soma coletiva.

Responderemos a todas as nossas questões? Talvez não, mas precisamente, aprendemos a fazê-las. Neste pequeno exemplar apresentamos nossas incertezas, reflexões e aventuras. Ora conversando individualmente, ora com o outro, numa prática anárquica que não pretende apontar caminhos, criar receitas, mas caminhar cuidando do Outro e de Si.

O Buraco d'Oráculo vislumbra e delicia-se com o porvir.

*Nada continuar como está
Tudo está sempre mudando
O mundo é uma bola de ideias
Se transformando, nos transformando
Abra a cabeça, sai do escuro
Não tenha medo do seu futuro
Faça o que sabe para se cuidar...
O mundo não vai acabar...*

Junio Santos

O Buraco d'Oráculo, São Paulo, primavera de 2019